

*Angola: poesia e prosa, Revista Textos & Pretextos*, n.º 19, 2015, 220 pp.

Júlia Garraio

---

**Edição electrónica**

URL: <http://journals.openedition.org/eces/2173>

ISSN: 1647-0737

**Editora**

Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra

**Refêrencia eletrónica**

Júlia Garraio, « *Angola: poesia e prosa, Revista Textos & Pretextos*, n.º 19, 2015, 220 pp. », *e-cadernos CES* [Online], 26 | 2016, colocado online no dia 15 dezembro 2016, consultado a 19 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/eces/2173>

---



perspective that allows a different viewpoint in narrating male migratory experiences of our days, and the encounter with their ‘white’ Others (Isabel Moutinho); a ‘merging process’ within a language (Portuguese) able to envisage a nonconflictual and inclusive symbolic community founded on the common “lengua” (Isabel Pires de Lima); or, finally, a movement between stages of life that reconfigure characters’ power relations along race and gender lines in a postcolonial situation (this is the case of 2004 Mozambican João Paulo Borges Coelho’s novel *As visitas do Dr. Valdez* explored by Leonor Simas-Almeida).

A particular story related to ‘shifting perspectives’ is that described in *Praia Lisboa* by Portuguese Henrique Levy (2010) and discussed by Maria do Carmo Mendes. In this book, a postcolonial love encounter between two women – a white Portuguese and a mixed-race Capeverdian – in the scenario of a violently racist and sexist Cape Verde, disrupts ideas of ‘a mitigated colonialism’ in the case of the Portuguese Empire.

The polyphony enabled by a gendered perspective is also fostered by a children’s perspective. In her essay on Congolese Alain Mabanckou and Angolan Ondjaki, Ana Paula Coutinho shows how the children’s gaze is necessary to represent a variety of aspects of a post-colonial reality in transformation, and how it functions as a “manifestação daquilo que continua em suspenso, à imagem da infância que é, como Ondjaki lembra, ‘um ponto cardinal eternamente possível’” (p. 129).

The ‘movement’ between colonial and postcolonial times and geographies à la recherche de la polyphonie expressed in this collection ends with Rodah Sechele-Nthapelelang’s essay on *Le baigneurs du Lac Rose* (by Ivorian Tanella Boni, 1995). The book concludes with Lola Geraldine Xavier’s descriptive essay on the uses of Lusophone, Francophone, and Anglophone African contemporary literature in education.

Gaia Giuliani

***ANGOLA: POESIA E PROSA, REVISTA TEXTOS & PRETEXTOS, N.º 19, 2015, 220 PP.\****

Fruto de uma parceria com a União de Escritores Angolanos e com o apoio da Embaixada de Angola em Portugal, o volume *Angola: Poesia e Prosa* reúne contributos de um conjunto de investigadores/as conceituados/as na área da literatura

---

\* Recensão realizada no âmbito da investigação desenvolvida no âmbito do Projeto “MEMOIRS – Children of Empires and European Postmemories”, financiado pelo Conselho Europeu para a Investigação (ERC) no quadro do Horizonte 2020, programa para a investigação e inovação da União Europeia (contrato n.º 648624).

angolana e contou com a colaboração de cerca de cinquenta escritores/as e artistas plásticos.

No texto introdutório “Com o coração na boca”, Margarida Gil dos Reis, organizadora do número temático, afirma que este, embora não tenha a “pretensão de ser antológico ou de retratar exaustivamente as últimas quatro décadas da literatura angolana” (p. 5), se esforçou por mostrar “Angola nas suas diferentes dimensões” (p. 5) e por “retratar a pluralidade de vozes da literatura angolana que, nas últimas quatro décadas, construiu e afirmou os conceitos de nação e nacionalidade” (p. 6). Vários textos apontam para a situação do Português como apenas uma das línguas faladas em Angola e para o impacto das línguas nacionais na literatura angolana de expressão portuguesa, que permanece todavia o objeto de estudo do número temático. Da multiplicidade de ensaios, poesia, testemunhos e entrevistas que constituem o volume destacam-se efetivamente temáticas como a centralidade de Luanda enquanto motor da nação, a identidade nacional, o resgate de tradições locais e o papel da História na literatura. É precisamente esta focalização na identidade e história angolanas que faz sobressair a ausência de certos nomes que têm trabalhado estas temáticas, como Roderik Nehone e aquele que é atualmente um dos autores angolanos de maior projeção internacional, José Eduardo Agualusa.

O esforço de cruzar análise e crítica literária com a criação artística percorre todo o volume, desde logo nas páginas que abrem cada uma das cinco secções (editoriais, ensaios, testemunhos, entrevistas e bibliografia), que apresentam fotografias de Pedro Loureiro com textos poéticos de escritores angolanos consagrados (Agostinho Neto, Luandino Vieira, João Maimona, Manuel Rui, Pepetela e Arlindo Barbeitos). Os editoriais e os ensaios são acompanhados por reproduções de pinturas, gravuras, montagens e fotografias de artistas plásticos angolanos e as entrevistas de fotografias dos escritores em causa. A qualidade da impressão e das imagens selecionadas dão ao volume uma qualidade estética notável.

A secção Editoriais conta com três textos, o primeiro dos quais é o já referido texto introdutório de Margarida Gil dos Reis, acompanhado de reproduções de António Ole. Segue-se “A literatura angolana entre utopias e distopias: um percurso” de Inocência Mata, um texto acompanhado de reproduções de Francisco Vidal. Com pendor panorâmico, oferecendo uma síntese da história da literatura angolana, o estudo de Mata destaca como identidade nacional e literatura são inseparáveis em Angola. A investigadora, que situa nos finais de século XIX e inícios do século XX a “publicação, na metrópole e na colónia, de obras de intenção literária que convergem para a formação de uma literatura marcada pela espaço-temporalidade angolana” (p. 9), apresenta de forma sistematizada as várias etapas e os nomes marcantes das várias

tendências e épocas até ao presente. Convém notar que a investigadora tem igualmente em conta correntes nem sempre assumidas como angolanas, como a literatura colonial. Mata destaca também a questão feminina, nomeadamente como a abundância de figuras femininas e a metaforização da terra como mulher coexistiu até muito tarde na literatura angolana com a quase inexistência de uma autoria feminina, situação que apenas começou a alterar-se a partir dos anos 80. Conclui que a literatura é atualmente não só “instrumento de construção e de projeção de identidades”, mas também “um lugar de discussão dos temas mais incómodos de uma Angola que começa a sentir a necessidade de gerir a sua diversidade (sobretudo a sua multiculturalidade) depois de uma ideologia em que a diferença era vista como um perigo à coesão social e ao projeto nacional.” (p. 26)

O terceiro editorial, “Breves reflexões sobre a geração das incertezas: a geração literária angolana do período pós-independência (1980-2001)”, de Luís Kandjimbo, é acompanhado de reproduções de Manuel Correia. Identificando cinco gerações literárias na segunda metade do século XX (Geração da Mensagem, Geração da Cultura, Geração da Guerrilha ou Geração da Utopia, Geração do Silêncio, Geração das Incertezas ou Geração da Revolução), o estudo debruça-se sobre a última. Nascida entre 1955-65, esta geração é “filha da independência, realiza a sua formação em circunstâncias marcadas por profundas incertezas do ponto de vista ontológico, além de viver experiências profundamente catastróficas, tais como a guerra.” (p. 31). Kandjimbo tenta identificar os temas predominantes da poesia e ficção narrativa produzida por estes escritores.

Segue-se um conjunto de quatro ensaios. O primeiro, de Laura Cavalcante Padilha “Luuanda, 50 anos: a revolucionária recomposição de um espaço imagístico”, acompanhado de reproduções de Délio Jasse, centra-se na obra seminal de Luandino Vieira, problematizando o seu carácter inovador pela abordagem ao espaço (a visibilização do musseque e do espaço prisional) e à linguagem (um Português que se “dobra à língua da terra”). Padilha define os contos de Luuanda como “revolucionária recomposição imagística” (p. 45) por, afastando-se da tradicional construção identitária através do interior rural, terem recoberto “o corpo da cidade-sede da então colônia com outros sinais, sempre postos de lado pelos modelos estéticos hegemônicos da colonialidade política e literária” (p. 42).

O ensaio de Manuel Muanza, “Ficção e Realidade na véspera das eleições de 1992”, acompanhado de fotografias de Rui Sérgio Afonso, analisa o romance *O vento que desorienta o caçador* (2006) de Arnaldo Santos como criação literária que nos aproxima da história recente do país, nomeadamente dos acontecimentos que iriam culminar no reacender da guerra civil depois de 1992.

O ensaio de Pires Laranjeira, “João-Maria Vilanova e o desejo de (não) ser – ou João de Freitas, intelectual binacional”, acompanhado de reproduções de Nélío Teixeira, oferece um interessante estudo de caso que, para além de trazer para a ribalta um escritor pouco conhecido, problematiza as possibilidades de uma identidade binacional num contexto (pós)-colonial. Laranjeira apresenta a biografia do cidadão João Guilherme Fernandes de Freitas (1933-2005), que fora para Angola aos 10 anos e regressara a Portugal em 1974, equacionando a manutenção ciosa do seu pseudónimo e o seu suicídio como resultados possíveis de profundas tensões identitárias de alguém que, sendo escritor angolano, se afastou voluntariamente de Angola no momento da libertação que defendera.

Apesar de todo o volume tentar cruzar texto e imagem, é no ensaio de Francisco Soares, “Concreta e visual – II: poesia visual, graffiti e poesia visual em Angola!”, acompanhado de reproduções de Frederico Ningi, que esse cruzamento realmente se faz, já que a obra de Ningi, onde convergem poesia e artes plásticas, é o objeto de análise do ensaio. Soares analisa a obra de Ningi a partir de diversas tradições espaço-temporais e influências que vão da poesia concreta, da poesia de tradição oral e da ciberpoesia à poesia visual, ao graffiti e aos hieróglifos e gravuras dos povos pré-históricos que habitavam o espaço angolano.

Outra mais-valia do número temático prende-se com o largo espaço dedicado à voz dos/as escritores/as angolanos/as (111 páginas no conjunto de 220). A secção testemunhos (63 páginas) conta com 26 depoimentos, cada qual precedido por uma citação da obra literária do/a escritor/a em causa: Adriano Botelho de Vasconcelos, Álvaro Macieira, Abreu Paxé, Amélia Dalomba, Ana de Santana, António Fonseca, António Gonçalves, António Francisco Panguila, António Pompílio, Carlos Ferreira, Chó do Guri, Cristóvão Neto, Fragata de Moraes, Gociante Patissa, Isabel Ferreira, Jacques Arlindo dos Santos, João Melo, João Tala, Jorge Arrimar, Lopito Feijóo, Luís Fernando, Manuel dos Santos Lima, Maria Celestina Fernandes, Paula Tavares, Ras Nguimba Ngola, Trajanno Nakhova Trajanno. Os/as autores/as respondem a duas questões que acentuam o foco do número temático na identidade angolana e no papel da literatura na formação de uma história nacional: “1 – Podemos falar de uma identidade na literatura angolana? Como pensa a sua obra neste contexto?; 2 – De que forma usa a História para pensar e escrever a literatura do presente?” A terceira questão, “Quais os traços que lhe parecem ser identificadores de uma literatura feminina?”, foi colocada apenas às escritoras.

O número temático tem o mérito de visibilizar a escrita literária feminina, mas, ao não colocar esta última pergunta aos escritores, poderá involuntariamente pactuar com uma persistente demarcação da criação literária feminina como “livros de e para

mulheres”. No mesmo sentido, é de lamentar a não inclusão de uma entrevista a uma escritora na secção seguinte, “Entrevistas”, dedicada a um grupo restrito de escritores amplamente consagrados e de nomes influentes das letras angolanas (Ondjaki, Pepetela, Manuel Rui, Luandino Vieira, José Luís Mendonça, Carmo Neto). Sem um guião uniformizado, cada peça desta última secção permite vislumbrar particularidades da obra dos autores entrevistados e do seu percurso biográfico, bem como das suas ligações ao território angolano. A inclusão de uma mulher como Ana Paula Tavares no grupo teria sido certamente um ato de legitimação de uma obra inequivocamente merecedora de tal reconhecimento.

“A história não para”, entrevista a Ondjaki por Margarida Gil dos Reis, acompanhada de fotografias do escritor por Daniel Mordzinski e Nuno Elias, percorre alguns momentos da obra do Ondjaki, os seus projetos em curso, influências e o papel de Luanda e de Angola na sua criação literária.

Em “A escrita como denúncia”, entrevista a Pepetela realizada por Margarida Gil dos Reis e Marta Pacheco Pinto, acompanhada de fotografias do romancista por Margarida Kol, o escritor discorre sobre diversos assuntos que vão da história de Angola, das transformações sociais das últimas décadas e da evolução do meio editorial a variados aspetos da sua obra e biografia. Consciente de que a literatura perdeu parte do impacto social de que gozava nos primeiros anos após a independência, Pepetela afirma que os escritores continuam a ter “o papel de chamar a atenção para os grandes problemas do mundo e da Humanidade em geral. Não para dar soluções” (p. 159)

No caso de Manuel Rui, “Escrevo sobre o riso por cima da lágrima”, estamos perante uma republicação de uma entrevista e de fotografias realizadas por José Luís Mendonça para o jornal Cultura. São abordadas questões diversas da criação artística do escritor e do seu percurso literário e biográfico e posicionamento perante a evolução política do seu país (inclusivamente perante questões como o 27 de maio de 1977).

“Vivo intensamente o real, mas o que armazeno é já literatura”, entrevista a Luandino Vieira por Alexandra Lucas Coelho, é uma republicação de um trabalho que surgira no jornal Público em 2006. As fotografias são de Pedro Teixeira Neves. Na conversa, Luandino revisita a sua obra, os anos de escrita literária sem publicação, a sua vida no Norte de Portugal depois de 1992 e a viagem a Angola treze anos depois.

“O trabalho da língua”, entrevista realizada por Margarida Gil dos Reis a José Luís Mendonça, escritor, jornalista e diretor do jornal Cultura – Jornal Angolano de Arte e Letras, com fotografias de Margarida Kol, incide sobre a obra literária do entrevistado e a situação atual das letras angolanas.

“Vivemos num período de graça da literatura angolana”, entrevista a Carmo Neto, Secretário-geral da União dos Escritores Angolanos, por Margarida Gil dos Reis, com fotografia de Pedro Loureiro, aborda a situação atual das letras angolanas e o trabalho da UEA.

O número temático termina com uma ferramenta da maior utilidade para qualquer estudioso/a da literatura angolana, a compilação “Bibliografia crítica selecionada: Literatura Angolana”, organizada por Margarida Gil dos Reis e Marta Pacheco Pinto e acompanhada por reproduções de Rita GT.

Júlia Garraio

**JEAN-CHARLES JAUFFRET (2016), *LA GUERRE D’ALGERIE. LES COMBATTANTS FRANÇAIS ET LEUR MEMOIRE*, PREFACE DE JEAN-FRANÇOIS SIRINELLI, COLL. HISTOIRE. PARIS: ODILE JACOB, 298 P.\***

Depuis plus de vingt ans, Jean-Charles Jauffret, professeur à l’Institut d’études politiques d’Aix-en-Provence, rencontre des anciens appelés de la guerre d’Algérie qui lui livrent leurs témoignages et leurs archives personnelles. En 2000, il avait déjà publié aux éditions Autrement Soldats en Algérie. 1954-1962. *L’expérience contrastée* des hommes du contingent, qu’il avait réédité en 2011 avec de nombreux ajouts. Le présent ouvrage constitue à la fois une poursuite un aboutissement de la recherche entreprise, après avoir atteint le seuil emblématique d’un millier d’entretiens.

Cette recherche offre de précieuses données chiffrées et de nombreuses comparaisons avec d’autres conflits (notamment d’Afghanistan, que l’auteur a analysé à plusieurs reprises dans d’autres ouvrages). L’auteur livre ainsi une vue d’ensemble de l’expérience partagée des appelés dans la guerre, tout en descendant jusqu’aux vécus les plus intimes des appelés, dans une véritable analyse socioculturelle. L’auteur s’appuie alors sur de multiples exemples tirés de ses entretiens, des archives militaires et départementales, d’archives privées d’anciens appelés du contingent (lettres, journaux intimes...) ou encore de témoignages ultérieurs (parmi lesquels de nombreux manuscrits inédits).

L’auteur est très attentif à la mémoire reconstituée. Dans ses précédents ouvrages, il faisait par exemple référence à l’analyse très critique de Jean Norton Cru

---

\* Ce texte a été préparé pour le programme MEMOIRS – Children of Empires and European Postmemories, financé par le Conseil Européen de la Recherche dans le cadre du programme de recherche et d’innovation de l’Union européenne Horizon 2020 (convention n.º 648624).